



Coligação de Lula pede atuação da Corte contra o que considera uma "rede de produção de desinformação" pela campanha de Bolsonaro. Para o grupo, decisões pontuais não resolvem o problema

Gleisi: TSE "enxuga gelo" contra mentiras

» LUANA PATRIOLINO

A presidente do PT, a deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), disse, ontem, que tem a sensação de que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) está "enxugando gelo", ao determinar a derrubada de publicações mentiras e desinformativas nas propagandas eleitorais. A dirigente do partido e outros líderes da Frente Brasil da Esperança se reuniram com o presidente da Corte, ministro Alexandre de Moraes, pedindo apoio para desarticular uma "rede de produção de desinformação".

Para o grupo, a disseminação está ligada a apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL). "Vimos trazer uma ação grande e robusta sobre fake news. O problema é que a sensação que nós temos é de que estamos enxugando gelo, que não dá para retirar apenas a propaganda. Nós temos um esquema no país de produção, coordenação e operacionalização de fake news", acusou.

No último domingo, os petistas apresentaram ao TSE um

pedido de investigação a respeito de um suposto "ecossistema de desinformação" promovido pela campanha de Jair Bolsonaro (PL) e por seus apoiadores. Para os representantes da coligação que trabalha pela eleição de Lula, as ações são capitaneadas pelos três filhos do presidente da República — o senador Flávio, o deputado federal Eduardo e o vereador carioca Carlos Bolsonaro.

Entre outras providências, a coligação pede a derrubada das contas das redes sociais, determinação de quebra de sigilos bancários, telefônicos e telemáticos de 45 bolsonaristas envolvidos na investigação. As deputadas Carla Zambelli (PL-SP) e Bia Kicis (PL-DF) e os deputados eleitos Nikolas Ferreira (PL-MG) e Ricardo Salles (PL-SP) também são citados na peça do PT.

Segundo Gleisi, a ação será analisada por Moraes. Já o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), coordenador da campanha de Lula, disse ter "convicção" que essa suposta rede teria atuado no primeiro turno.

"Temos consciência que essa rede atuará já a partir do início desta semana, disseminando

mentiras para tentar reverter a desvantagem que o atual presidente da República tem e é apontado em todas as pesquisas de opinião. Foi montada a maior estrutura de mentira do mundo no Brasil. Todas as eleições, como o Brexit ou o (Donald) Trump, são fichinhas perto disso", criticou.

Transporte

A campanha de Lula se encontrou, também, com o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), para discutir a ampliação do transporte público no dia 30, quando ocorrerá o segundo turno. Eles querem que seja analisada a Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 1.013, que trata do transporte coletivo no dia do pleito.

Em uma decisão sobre o tema, anterior a 2 de outubro — data do primeiro turno —, Barroso rejeitou a imposição da gratuidade de transporte por entender que isso só poderia ser efetivado por meio de lei, e com previsão orçamentária específica. Mas a campanha de Bolsonaro contestou a ampliação da gratuidade do transporte.

» Publicações sobre aborto saem do ar

A ministra Cármen Lúcia, do Tribunal Superior Eleitoral, mandou as redes sociais removerem publicações que contrapõem a esquerda a valores como a defesa da vida, da segurança pública, da propriedade, da liberdade e de valores cristãos. As postagens replicam imagens de um outdoor em Porto Alegre. Além de mandar tirar o conteúdo do ar, a ministra também determinou que Facebook, Instagram, Twitter e Gettr identifiquem os responsáveis pelas publicações. Cármen afirmou que o outdoor mostra um "quadro distorcido de valores e desvalores". Também disse que as ideias foram "descontextualizadas" para "desinformar os eleitores por meios de mensagens sabidamente inverídicas". A decisão atende a um pedido da coligação do candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Henrique Lessa/D.A Press



Lula voltou a se reunir com religiosos, o que demonstra que o tema, hoje, é um dos mais importantes para a campanha petista

Reuniões com religiosos e empresários

» HENRIQUE LESSA

São Paulo — No dia seguinte ao debate entre os presidentes, na Band, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lamentou aquilo que classificou como "domínio do país pelo ódio". Para o petista, episódios de ataques a religiosos por pregarem a compaixão pelos pobres são o principal exemplo dessa escalada.

"Nunca tinha visto o Brasil tomado pelo ódio. Tenho ouvido falar sobre padres que estão sendo atacados porque estão falando da fome, por que estão falando da pobreza", lamentou, acrescentando que se trata de um problema mundial, tanto que lembrou a eleição de Giorgia Meloni para primeira-ministra da Itália. O petista voltou a se encontrar com religiosos da Igreja Católica, mostrando que o tema tomou uma grande dimensão na campanha — mais cedo, ele fez campanha em São Mateus, zona leste da capital paulista, ao lado do vice Geraldo Alckmin, do candidato do PT ao governo do estado, Fernando Haddad, e do

deputado federal eleito Guilherme Boulos (PSol). Entre os que estiveram com Lula, na Casa de Portugal — no bairro da Liberdade, na capital paulista —, marcou presença sacerdotes católicos dos coletivos "Padres da caminhada" e "Padres contra o fascismo", que, somados, reúnem mais de 500 religiosos de diversas dioceses. O petista conclamou-os a realizar conferências para discutir temas a serem incluídos no orçamento da União.

PIB

Se Lula e Alckmin procuraram estreitar os laços com os religiosos, em outra direção foram a senadora Simone Tebet (MDB-MS), o economista Armínio Fraga e a deputada federal eleita Marina Silva (Rede-SP). O trio se reuniu, também ontem, com cerca de 650 empresários, banqueiros, CEOs e economistas para tentar convencê-los a votar na chapa do petista, no dia 30. O principal argumento apresentado por eles foi o risco que consideraram representar a

reeleição de Jair Bolsonaro (PL) para a democracia no Brasil.

Os organizadores salientaram que o encontro não era uma manifestação de apoio a Lula, mas sim uma tentativa de conseguir novos apoios à chapa para derrotar o presidente que tenta a reeleição.

Simone sugeriu que caso Bolsonaro consiga novo mandato, poderá tentar um terceiro para se manter no poder. "A democracia já está fragilizada desde o primeiro dia do governo Bolsonaro. Eu estava lá em Brasília. O governo coloca uma instituição contra outra. E hoje já domina o Legislativo com o orçamento secreto. Poderá aumentar o número de ministros do Supremo Tribunal Federal e concentrar mais poder, acovardar os ministros do STF e, talvez, até implantar um terceiro mandato", alertou.

O encontro foi organizado na casa da ambientalista Teresa Bracher e de seu marido, o banqueiro Cândido Bracher, mesmo lugar onde Simone começou sua campanha no primeiro turno. O evento também teve como organizadores Marisa Moreira Salles,

Neca Setubal, a advogada Maria Stella Gregori, o editor Tomas Alvim e Ana Paula Guerra.

Fraga explicou o motivo de fechar com Lula. "A realidade do bolsonarismo acabou se impondo. A mudança do meu voto espelha o medo da deterioração da democracia. Se havia alguma dúvida, isso desapareceu. Vou votar no Lula sem qualquer condição", disse.

Já Marina destacou ter três razões para votar no petista: compromisso com a democracia, o "imperativo ético" de combate às desigualdades e a possibilidade de estabelecer um processo de mudança para um modelo de desenvolvimento sustentável com a transição para uma economia de baixo carbono.

Estiveram com Fraga, Marina e Simone diretores e CEOs de empresas como Bloomberg, BMG, Safra, Siemens, Suzano, Grupo Europa, Standard Bank Group, Grupo Ultra, Thyssenkrupp South America, Santander e outros gigantes, além de economistas e empresários. (Com Agência Estado)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Talvez a pergunta seja: quem perdeu com o debate?

Sempre achei muito complicado analisar o resultado de debates entre candidatos a partir da minha própria percepção. O debate da Bandeirantes, entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL) não foge à regra. É possível fazer uma leitura racional dos debates a partir do conteúdo das respostas dos candidatos, mas existe fatores subjetivos que alteram completamente a percepção da imagem dos debatedores pelos eleitores. Tanto é assim que as pesquisas mostram uma divisão de opiniões sobre a atuação dos candidatos que mais ou menos gravita em torno dos índices de intenção de voto. Quando o resultado destoa muito, aí sim podemos afirmar que fulano ou beltrano venceu o debate. Mas não é o caso. Por isso, alguns acham que Lula se saiu bem, outros apontam Bolsonaro como vitorioso.

Como numa luta de boxe, num debate eleitoral todo mundo apanha. Alguém somente vence inequivocamente quando o adversário vai a nocaute. Quando isso não acontece, a decisão é por pontos, depende dos jurados, e nem sempre corresponde ao gosto do público.

No plano das subjetividades, diria que o Bolsonaro entrou no debate em desvantagem por causa do "pintou um clima" no caso das jovens refugiadas venezuelanas que visitou. O assunto virou meme petista nas redes sociais e deixou o presidente na berlinda durante o fim de semana. Entretanto, a decisão do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes, mandando tirar do ar a live do presidente que relatava o caso, por ter sido descontextualizada, resgatou Bolsonaro do canto do ringue. Foi como se o juiz interrompesse a luta por causa de um golpe sujo.

Na troca de socos, Lula manteve a ofensiva no caso da pandemia, responsabilizando o presidente pelas mortes que poderiam ter sido evitadas se o seu negacionismo não tivesse atrasado a compra das vacinas. Mas isso não foi suficiente para abater Bolsonaro, até porque sua falta de empatia com as vítimas também serve de couraça para que esse assunto não abata o seu ânimo.

Mesmo em desvantagem nas pesquisas de opinião, na campanha eleitoral, em nenhum momento, Bolsonaro se sentiu espiritualmente derrotado. Passou à ofensiva num tema em que o petista tem revelado muita dificuldade de se defender: o escândalo da Petrobras. Lula não respondeu à altura e ainda gastou o tempo que tinha desnecessariamente, deixando o presidente em grande vantagem ao final do bloco, porque falou por último, com tempo de sobra. Esses dois momentos influenciaram muito as opiniões dos analistas.

Mas como reagiram os eleitores? Quem tentou responder essa pergunta foi a AtlasIntel, empresa de pesquisas que se destacou por ter o melhor desempenho do primeiro turno. Usou um recurso que as campanhas utilizam para avaliar os debates: pesquisas qualitativas. A AtlasIntel ouviu 100 eleitores que não votaram em Lula ou Bolsonaro. A maioria (54%) considera que Lula ganhou o debate, 32% acham que foi Bolsonaro e 14% não souberam responder.

A maioria dos eleitores que votaram em Simone Tebet (60%), Ciro Gomes (60%), outros candidatos (50%), branco/nulo (57%) e também não votaram (57%), em nove grupos, concordam que Lula venceu o debate. Os grupos focais foram formados em Paraná/Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Tocantins, Bahia, Acre e Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Esse tipo de estudo, porém, não tem valor estatístico para avaliar a opinião da população. É um instrumento para avaliar tendências e informar análises, como essa aqui.

Rejeição

A disputa política do segundo turno está se dando em torno de quatro grandes temas: a situação da economia, os serviços prestados à população, a ética na política e a questão democrática. O debate não é programático, voltado para o futuro imediato e/ou o programa do novo governo. O debate está ancorado no passado, nos governos Lula e Dilma Rousseff e no primeiro mandato de Bolsonaro. Mira a rejeição dos candidatos, que manteve a polarização e certamente decidirá a eleição.

Lula cresce quando sai em defesa da democracia e das políticas públicas, principalmente na área social; Bolsonaro, quando ataca a corrupção nos governos petistas. Na questão econômica, o petista leva vantagem, mas não mais como no primeiro turno. Um tema subjacente, ora à questão democrática, ora às políticas públicas, é a pauta dos costumes, na qual Bolsonaro tenta surfar para neutralizar o fracasso administrativo do governo em área como a saúde e a educação. De outro lado, a mudança dos costumes serve de linha de resistência para os militantes das causas identitárias, que são pro-Lula.

Nos programas eleitorais, nas redes sociais e nos debates, esses são os eixos da disputa desde o primeiro turno. Em termos de intenções de votos, Lula se mantém na dianteira, mas Bolsonaro encurta a distância. Haverá tempo para uma virada? Uma projeção linear das pesquisas diz que não, mas as eleições são uma caixinha de surpresa e, na reta final da disputa, sempre pode haver alterações.

É aí que os dois outros debates programados, no SBT e na Globo, podem fazer a diferença. Nesse caso, será decisivo o fator subjetivo do desempenho pessoal dos candidatos e sua capacidade de emocionar os indecisos.

Mas quem perdeu com o debate? Todos que esperavam boas propostas para o futuro.

O DEBATE NÃO É PROGRAMÁTICO, PARA O FUTURO IMEDIATO OU O PROGRAMA DO NOVO GOVERNO